

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.12022017249-254>

ENTREVISTA: GUERRA.DOC JOSÉ HAMILTON RIBEIRO CONTA A EXPERIÊNCIA DE COBRIR A GUERRA DO VIETNÃ PARA A REVISTA REALIDADE EM MAIO DE 1968*

Vanessa Lehmkuhl Pedro**

As guerras contemporâneas começam e terminam nos meios de comunicação e a consequência material dos conflitos depende também da guerra de interpretação. O projeto de pesquisa GUERRA.DOC reúne entrevistas em vídeo com correspondentes de guerra, no Brasil e nos Estados Unidos, para tratar da forma como os meios de comunicação produzem interpretações sobre os conflitos armados e contar sobre as experiências pessoais dos jornalistas em zonas de conflito. Realizado pela jornalista e pesquisadora Vanessa Pedro, a série GUERRA.DOC faz parte de sua pesquisa de Pós-doutorado concluída na Universidade de São Paulo e na Columbia University, em Nova York, de 2011 a 2015, com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp) e apoio da Federação dos Trabalhadores no Comércio em Santa Catarina (Fecesc).

Vanessa Pedro entrevistou 15 jornalistas no Brasil e nos Estados Unidos. Foram editadas as entrevistas em formato de série, com 30 minutos de duração cada, incluindo material de arquivo das coberturas dos entrevistados. São fotos, vídeos e textos para nos aproximar um pouco mais das narrativas que eles apresentam. Do primeiro volume fazem parte os jornalistas brasileiros José Hamilton Ribeiro, Lourival Sant'Anna, Kennedy Alencar, o fotógrafo norte-americano Mike Kamber e o jornalista português Carlos Fino. Do Vietnã à Guerra do Iraque, passando por conflitos em países africanos e nos Balcãs, os jornalistas contam suas próprias histórias, refletem sobre a profissão, analisam o que cabe na cobertura jornalística diária e o que fica para o livro-reportagem ou o documentário. Entre as questões que a jornalista leva até seus entrevistados para reflexão estão ainda a capacidade do jornalismo de narrar a guerra, a presença do repórter nos conflitos e o quanto a experiência da guerra pode mudar o narrador e a narrativa que ele produz. Guerra.doc é antes de tudo um diálogo sobre conflitos armados, narrativa, pessoas comuns, poder e jornalismo.

A entrevista reproduzida aqui é a que o jornalista José Hamilton Ribeiro concedeu ao projeto GUERRA.DOC. Ele falou de sua experiência como correspondente na guerra do Vietnã, quando foi enviado para o *front* pela revista brasileira *Realidade*. José Hamilton é um ícone da cobertura jornalística e de uma escola que primava pela

* Projeto e DVD: *GUERRA.DOC: entrevistas sobre cobertura de guerra*. Direção: Vanessa Pedro. Ano: 2016 País: Brasil/EUA. Realização: USP e Columbia University Financiamento: Fapesp e Fecesc. Vídeo de apresentação do projeto no Youtube: <https://youtu.be/wOkwzLdhtqY>. Entrevista em vídeo com o jornalista José Hamilton Ribeiro: <https://youtu.be/ymlINZdYINo>

** Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: vanessapedro1975@gmail.com.

linguagem, pela construção do texto jornalístico em diálogo com a literatura e pela presença do repórter. Com pautas investigativas e textos em primeira pessoa, a revista *Realidade* é o principal exemplo das ideias do Novo Jornalismo norte-americano em diálogo com um projeto brasileiro. Ela atua com esse perfil até a década de 1970, quando começa a vingar a hegemonia do conceito de *newsmagazine* ou revista de informação. José Hamilton Ribeiro conta que foi para a guerra do Vietnã com a ideia de cobrir “os dois lados do conflito” e acabou vivendo uma experiência que modificou a sua vida. Em seu último dia de viagem acompanhando o exército norte-americano, o repórter foi atingido por uma mina terrestre e perdeu parte de uma perna. Sua reportagem abria assim:

Vinte de março. Meu último dia na guerra. Amanhã, 21, já estarei em Saigon para cuidar da volta. Os soldados da companhia Delta (ou D) vão fazer hoje outra batida numa aldeia de camponeses, 20 quilômetros daqui. É a terceira vez que a Companhia D faz operação de limpeza nesse lugar, conhecido como ‘Estrada sem alegria’ - nome tirado do livro escrito por um francês, que conhecia bem essa região, onde ele próprio morreu no ano passado, pisando uma mina vietcong.

Dos dias de dor e risco de morrer, o jornalista emerge com um longo texto sobre sua experiência na guerra, escrevendo em primeira pessoa e contando como tudo aconteceu. José Hamilton vira capa da revista *Realidade*, em maio de 1968, quando foi para cobrir a guerra alheia. Tornar-se narrador e personagem de seu próprio texto. Nas páginas da revista *Realidade*, publicada em maio de 1968, ele conta sobre a dor, a descoberta de que faltava um pedaço da perna, o resgate, os dias de hospital de campanha, o tratamento e o retorno ao Brasil. Numa narrativa ao mesmo tempo informativa, testemunhal e crua, dá detalhes da sua própria experiência não como narrador mas como vítima.

Para não cair, rodopiava sobre mim mesmo, em círculos e aos saltos. Instintivamente, levei as duas mãos para ‘acalmar’ a minha perna esquerda, e foi então que a vi em pedaços. A calça no lado esquerdo tinha desaparecido. A visão foi terrível. O sangue que brotava como de torneiras. Depois do joelho, a perna se abria em tiras, e um pedaço largo de pele, retorcido, estava no chão. Olhei em volta e não achei meu pé.

Na entrevista que concedeu ao projeto GUERRA.DOC, realizada em Florianópolis, o jornalista, nascido em 1935, deu aula de jornalismo, lembrou experiência no Vietnã e mostrou que permanece refletindo sobre as coberturas contemporâneas de guerra. Considera a presença do repórter fundamental para evitar o massacre de civis e acredita que os jornalistas de hoje recebem informações de segunda mão e mediadas por uma estrutura militar de comunicação. “Na guerra do Vietnã o jornalista estava presente. Ele tinha informações de primeira mão. Na guerra do Iraque não. Ele só tem informações de segunda mão. As informações que chegam a ele são depuradas pelo sistema militar”. Ainda em atuação, com conta no Facebook e valorizando as histórias, José Hamilton continua contando suas experiências na profissão, reflete sobre a carreira e faz os jovens jornalistas pensarem sobre como o jornalismo precisa ouvir as pessoas. A seguir, reprodução da entrevista em vídeo de José Hamilton Ribeiro à jornalista Vanessa Pedro, para o projeto GUERRA.DOC: entrevistas sobre cobertura de guerra.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Você ocupou vários papéis na Guerra do Vietnã. Você foi narrador, vítima. Foi observador e foi participante. Você teve a condição de ouvir relatos a condição de relatar. Como é possível narrar desse lugar tão misturado no qual você foi colocado. Falo isso pensando na capa da revista *Realidade*, de maio de 1968, que o traz na capa, ferido e ao mesmo tempo narrando o que lhe aconteceu.

José Hamilton Ribeiro: A guerra é um acontecimento grande, grandioso. Ninguém sai impune de uma guerra... Ninguém vai realizar uma cobertura de guerra pensando em ser uma vítima dela. Você não vai na guerra para morrer nem ser vítima. Você vai para mandar notícia. Então, eu ter me tornado uma pauta foi uma fatalidade. Foi uma coisa que eu não esperava, não queria. Jamais cogitaria uma coisa dessa. Mas a vida é feita de momentos. Foi uma realidade do momento. Uma coisa que eu podia fugir dela. Eu estava atrás de ver os outros agindo e, de repente, estou escrevendo como eu reagi. Não foi uma coisa esperada, desejada nem querida, mas foi um fato da realidade.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Como foi a produção dessa matéria? Porque ela é escrita em primeira pessoa, da experiência no hospital, das suas reações. Dos dias passando e você passando por aquela experiência. Como você montou a ideia desse texto e quanto tempo depois?

José Hamilton Ribeiro: A *Realidade* era uma revista mensal. Houve uma mudança na pauta. A pauta que eu fui pra fazer era ficar um mês no *front* do lado americano. Depois voltaria pra Saigon e iria para Hanoi e ficar um mês no lado comunista. Depois faria uma reportagem com os dois lados. Mas o acidente impediu que a pauta fosse realizada. Então ficou sendo a cobertura de um lado só mas não com a nossa vontade. A cobertura da guerra do Vietnã é muito parcial, manipulada. Você não tem uma clareza da guerra do Vietnã no momento da guerra. Você vai vendo coisas depois. Por exemplo, aquela ideia de que o vietcong era pobre, abandonado, desprezado e que vivia de criatividade caiu por terra. Era um exercito organizado, apoiado pela União Soviética, com dinheiro e armas à vontade, e apoiado pela China com gente.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: A quem interessava essa visão dos vietcongs como humildes e criativos?

José Hamilton Ribeiro: Era uma visão que circulou na imprensa da época. Era muito romântica voce pensar no vietcong como um grupo idealista. Porque na época o comunismo era um ideal humano, uma esperança que o mundo criasse um homem novo, um sistema novo de fraternidade, sem exploração. Era a esperança. Era o sonho de todo mundo. Então a cobertura da guerra do Vietnã expressa isso. A gente cobriu o Vietnã com esse sonho de que o comunismo era uma saída para a humanidade.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Há uma leitura da guerra do Vietnã que ela teria dois momentos. Uma seria quase pro-americana no sentido de justificar a necessidade da guerra. A outra que seria contraria a guerra, que teria aparecido no decorrer do conflito, quando os jornalistas puderam acompanhar de perto, os corpos começaram a chegar. Você concorda com esses dois momentos? E queria saber se a imprensa modificou os rumos da guerra do Vietnã? Ou os movimentos sociais daquela época modificaram os rumos da guerra e a imprensa foi a reboque?

José Hamilton Ribeiro: Todas as leituras são boas. Houve um momento em que a imprensa justificou a guerra. Agora toda a cobertura durante a guerra foi uma cobertura anti-americana. Cada correspondente de guerra que chegava no Vietnã trazia consigo o objetivo de denunciar uma crueldade do exército americano. Quando eu cheguei no Vietnã no primeiro dia. Imagina que eu fui sozinho. Fui sozinho para o Vietnã. Então eu procurei circular nos clubes de imprensa pra conversar com veteranos da cobertura de guerra, mostrando a minha ansiedade e a minha perplexidade. Dizendo “será que eu vou fracassar?” Me lembro que um veterano jornalista inglês me falou: “Zé Hamilton, fique tranquilo. No Vietnã tem um furo para cada um”. Então a cobertura da guerra do Vietnã, feita pela imprensa ocidental, sobretudo americana e europeia, é uma cobertura do massacre e das arbitrariedades do exército americano. Não fez nada com o outro lado.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Isso não gera uma certa contradição pelo fato de estarem acompanhando tropas americanas não seria mais provável de falar a favor deles? Como a gente pode observar que pode ter ocorrido na cobertura da Guerra do Iraque contemporânea, com os chamados jornalistas “embutidos”, que acabaram construindo uma narrativa mais pró-americana. No Vietnã não foi assim? Apesar de acompanhar tropas americanas, a crítica era maior?

José Hamilton Ribeiro: Todas as grandes atrocidades do exército americano no Vietnã foram denunciadas por jornalistas, por correspondentes da guerra do Vietnã. Todas elas. Então, mesmo que a pessoa estivesse embedded, embutida numa companhia do exército americano, a pessoa é jornalista, está de olho aberto, está de antena ligada. Todas as grandes denúncias foram feitas pela imprensa na época. Então essa história de que o jornalista embedded tem um part-prix, em principio é verdade, porque acho que na guerra não tem imparcialidade. Não existe imparcialidade jornalística. De outro lado, tirando essa configuração quase teórica, o jornalista ali está vendo e ele é, sobretudo, jornalista. Se ele vir, como viu muitas vezes alguma coisa errada, a primeira coisa que ele faz é se desvincular e denunciar. Então há 30 km de onde eu estava ocorreu a maior chacina da guerra do Vietnã. A mais pavorosa. Uma companhia do exército americano chega numa pequena aldeia vietnamita, onde a inteligência dizia que aquele pessoal estava apoiando de alguma maneira o inimigo vietcong. A companhia chega lá com a missão de conseguir informações que provassem que aquele pessoal estava apoiando o inimigo. Naturalmente, com intérprete, tentou colher depoimentos de pessoas que incriminassem alguém mas não conseguiu nada. Aí resolveram conseguir informações pela força. Juntaram toda a população da pequena aldeia numa praça, num terreno baldio. Passaram uma corda em volta das pessoas e foram comprimindo essa corda para o pessoal ficar cada vez mais junto. Ficar naquele bolinho de gente. E a companhia toda de arma embalada em volta. De repente, com aquele negócio de aperta a corda ou não aperta, alguém gritou ‘fogo!’. Um soldado começou a atirar. Os outros soldados acharam que tinha sido uma ordem de fogo e passaram a atirar também. Todo mundo atirou ao mesmo tempo e, simplesmente, matou a tiro, de uma distância de cinco metros, todas as pessoas que estavam lá. E eram basicamente velhos, mulheres e crianças. Crianças de dois meses foi fuzilada na cabeça. Esse massacre, que foi o pior da guerra do Vietnã (Massacre de My Lai), ocorreu a 30 km de onde eu estava e na minha companhia não houve um ato de crueldade ou indignidade que eu tivesse visto. Porque a minha presença, e a de outros jornalistas, inibia a violência. Um capitão americano neurótico, que se deixa levar num momento desses e faz uma bobagem daquele tipo, na presença de um jornalista não faria.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Não havia jornalista onde houve o massacre?

José Hamilton Ribeiro: Não, não havia. Porém havia soldado americano com máquina fotográfica que fotografou toda a sequência.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Você defende então a presença do repórter faz a diferença num acontecimento de guerra?

José Hamilton Ribeiro: Todo acontecimento militar se torna importante se tiver alguém escrevendo sobre ele. Uma coisa que perpassou na sua pergunta é se eu vejo diferença entre a guerra do Vietnã e a guerra do Iraque. Na guerra do Vietnã o jornalista estava presente. Ele tinha informações de primeira mão. Na guerra do Iraque não. Ele só tem informações de segunda mão. As informações que chegam a ele são depuradas pelo sistema militar. Eu dou o exemplo da queda do Saddam Hussein. No momento em que o Saddam é descoberto e aprisionado, saindo de um buraco, todo sujo, despenteado. Com a comida estragando, embora ele tivesse uma pasta cheia de dólares. Um dos grandes acontecimentos da guerra do Iraque foi aquilo. Cadê o jornalista? Não tinha nenhum. O exército filmou, o exército gravou, pegou áudio, pegou as entrevistas, pegou tudo. E ofereceu para a imprensa o prato pronto. Qual o jornalista que entrevistou Saddam? Ninguém deixou. O Saddam ficou tanto tempo naquele julgamento e nenhum jornalista teve permissão para entrevistar, para ele contar a história dele. Nada.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Os Estados Unidos aprenderam como não deixar a imprensa fazer com a guerra do Vietnã?

José Hamilton Ribeiro: Sem dúvida. Com a cobertura da imprensa da guerra do Vietnã aconteceu pela primeira vez um fenômeno que foi o povo americano, não se voltar contra o seu presidente, mas duvidar que aquele presidente estava fazendo a coisa certa. Então no momento em que aconteceu isso, em que a população deixou de dar o apoio incondicional ao presidente, em que houve a erosão da confiança do povo americano em relação à guerra, os Estados Unidos começaram a perder a guerra.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Você atribui um papel importante para a imprensa nessa perda de confiança?

José Hamilton Ribeiro: Ao papel da imprensa, à cobertura dos correspondentes de guerra e, principalmente, ao advento da televisão como veículo de cobertura de guerra. Até então a televisão não tinha condições de cobrir uma guerra. O equipamento era muito pesado, muito difícil. A unidade móvel de televisão permitiu cobrir a guerra do Vietnã, que foi ma cobertura quase ao vivo.

Ao mesmo tempo em que a tecnologia abriu a possibilidade de uma cobertura mais ampla, de outro lado a restrição ao trabalho do correspondente praticamente bloqueou a cobertura. Então não adianta nada você ter facilidades tecnológicas se voce não tem acesso à fonte primária.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Você acredita que a narrativa jornalística é a narrativa da guerra por excelência, onde mais se tem informações sobre uma guerra?

José Hamilton Ribeiro: A cobertura jornalística da a dimensão da guerra como fenômeno humano. Um relatório militar, um historiador militar, vai examinar a guerra do

ponto de vista militar. Uma coisa não exclui a outra. É bom que existam historiadores militares, gente que veja a guerra como estratégia, como embate em forças e máquinas diferentes. Mas é bom também quem veja a guerra como um fenômeno humano.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Qual a capacidade da narrativa jornalística de narrar uma guerra?

José Hamilton Ribeiro: Ao longo da história se vê que os grandes jornalistas acabam sendo os grandes escritores sobre a guerra. Com uma capacidade de observação, interpretação e de leitura que são a referência do mundo.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Você fala, nos seus trabalhos mais recentes e não apenas referente à guerra, que é importante ouvir as pessoas, fazer os personagens renderem, dar atenção para quem você está entrevistando.

José Hamilton Ribeiro: A grande ambição de um correspondente de guerra é chegar num teatro de guerra e ter contato com a fonte primária. Falar com o povo daquele país, que normalmente fala uma língua estrangeira, difícil. Mas toda ambição do correspondente é ter acesso ao povo para ter a informação daquele lado. Não só a informação do lado militar. Quando um jornalista consegue isso é um grande feito. Você está tendo uma visão da guerra que o jornalista não teria pr via militar, seja de um lado ou do outro.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: No jornalismo que se faz hoje, mais diário e instantâneo, há mais espaço para as declarações do que para as histórias?

José Hamilton Ribeiro: Tem as duas coisas. No Vietnã já tinha. Tem o jornalismo diário de manchete, que era muito declaratório. E tinha também o jornalismo de profundidade, que tinha mais pesquisa e tempo de elaboração. Uma coisa não exclui a outra. Eu acho que vão conviver sempre.

Vanessa Pedro/GUERRA.DOC: Você ainda acompanha coberturas de guerra ou faria alguma?

José Hamilton Ribeiro: Uma das coisas que se exige de um correspondente de guerra é uma boa condição física. Porque tem hora quem tem que correr. Seja da bomba, seja atrás da notícia. E eu não teria essa facilidade hoje. Então eu tenho uma restrição física. Mas se eu pudesse contar com uma cadeira de rodas voadora que me levasse lá, talvez eu até voltasse a cobrir uma guerra (risos).

Recebido em 05/09/2017. Aprovado em 12/10/2017

